



RESENHA

FONOAUDIOLOGIA: A CAMINHO DA TEORIZAÇÃO DA CLÍNICA

*Cleybe Hiote Vieira*⁴

Fonoaudiologia: no sentido da linguagem

Vitto, Maria Francisca Lier-De. (org.)

São Paulo, Cortez, 1994

Este livro – *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem* –, organizado por Maria Francisca Lier-De Vitto, que teve, em 1997, o lançamento de sua 2ª edição, é composto por nove artigos. Oito deles escritos por fonoaudiólogas e todas as autoras se declaram filiadas ao interacionismo brasileiro, conforme desenvolvido a partir do trabalho de Cláudia Guimarães de Lemos. Desse posto teórico, as autoras propõem-se a refletir sobre a área de Patologia da Linguagem.

* Depto. de Fonoaudiologia PUC-PR.

A estrutura dorsal do livro, bem como o seu fio condutor tocam questões cruciais para a Fonoaudiologia a partir do diálogo, neste caso, frutífero, entre esta disciplina e a proposta interacionista acima mencionada. Uma delas diz respeito ao empréstimo irrefletido de teorias e de técnicas, questão abordada praticamente em todos os artigos e explicitamente discutida nos trabalhos de Lúcia Arantes, Lourdes Andrade, Rejane Rubino e Cecília Santana.

A discussão sobre a natureza das relações entre disciplinas “autônomas” é tema de acaloradas discussões na teoria da ciência (Lakatos, 1975; Borges Neto, 1983, 1988). Os pontos centrais que se colocam remetem aos produtos dessas relações. São eles: 1) o nascimento das chamadas disciplinas híbridas (psico-pedagogia, neuro-psicologia, etc.); 2) a submissão de uma área de conhecimento à outra; 3) uma área se torna área de aplicação da outra e 4) a discussão se dá no nível dos pressupostos teóricos de cada disciplina, cada qual mantendo sua especificidade.

Na Psicolingüística, essa discussão foi realizada por Maia (1984) e por Cláudia Lemos, a partir de 1982, ou seja, desde o início do percurso do interacionismo como proposta teórica independente.

Na Fonoaudiologia, essa seria uma problemática importante a ser enfocada, mas se tem passado, em grande medida, ao largo dela. Refiro-me, aqui, mais especificamente, às incorporações de técnicas e procedimentos da psicologia behaviorista e da teoria da aprendizagem para a prática clínica da fonoaudiologia. Incorporações que não se compatibilizam com os dizeres sobre as patologias em causa (Lier-De Vitto, a sair). Quer dizer, lançam-se mão, por exemplo, de explicações inatistas, mas mantêm-se procedimentos terapêuticos comportamentalistas. Erika Pisaneschi chama a atenção para o mau-uso que se pode fazer também do interacionismo, quando o “jogo” está em questão. Do mesmo modo, diferentes teorias são arregimentadas para dar conta de acontecimentos ditos patológicos. Teorias que são, inadvertidamente, conjugadas para falar dos “sintomas” na linguagem. Esses desarranjos problemáticos foram abordados por Suzana Fonseca, nas afasias, por Cecília Santana e Lourdes Andrade, na surdez, e por Lúcia Arantes, no retardo de linguagem. Em síntese, o que as autoras ressaltam é que há um custo muito alto a ser pago pela Fonoaudiologia se a discussão de pressupostos teóricos for recoberta relativamente à sua articulação com as questões

metodológicas. É importante que fique claro que essa problemática, ou seja, essas composições inconsistentes não são feitas explicitamente.

O reconhecimento e o enfrentamento desse estado de coisas só pode ocorrer quando se interroga sobre as concepções de linguagem, de sujeito e de outro que são assumidas nas diferentes abordagens fonoaudiológicas encontradas na literatura. É para isso que chama a atenção Lúcia Arantes. Para essa autora, uma análise atenta desses pontos pode desvendar a “escolha” realizada. Penso que esse assinalamento já é, em si, um grande avanço para a Fonoaudiologia. Ele sinaliza a necessidade de se pensar sobre o “fazer” fonoaudiológico. Considero que os artigos que se encontram reunidos neste livro são o início desse compromisso.

Outra questão decorrente e imediatamente relacionada à incompatibilidade entre teoria e prática, apontada e tratada no livro por Arantes e Rubino, é a que remete à dificuldade existente, na fonoaudiologia, de integrar os materiais obtidos nos diferentes tempos do tratamento fonoaudiológico, quais sejam: o da entrevista inicial (anamnese), o da avaliação e o do tratamento propriamente dito (que inclui o trabalho de orientação aos pais). Em todos esses momentos estamos lidando com a família e com o próprio “paciente”. As autoras ressaltam a importância da escuta do discurso parental como indicador do lugar da criança na linguagem (Lier-De Vitto, 1992). A noção de escuta implica entender a linguagem não como comunicação e transmissão de mensagens. Implica enfrentar sua opacidade na produção de sentidos (Arantes, p. 33).¹

A ruptura com o entendimento da linguagem como comunicação, com a idéia de interlocutores que controlam a mensagem a ser transmitida, com as noções de codificação e decodificação, como propõem as autoras, leva ao compromisso com a fala desconcertante dos pacientes. Por aí, o papel do terapeuta é questionado e redimensionado (Arantes, Rubino, Santana, Lier-De Vitto), bem como a noção de sujeito a ser assumida. O outro-terapeuta é deslocado para a posição de alguém sob efeito de um dizer que o interroga, um dizer em que o sentido se perde, se dilui, que não pode ser “decodificado” mas que, ainda assim convoca uma interpretação. Quanto ao paciente, o que seu dizer escandalosamente

1. Essa posição tem sido defendida, na aquisição de linguagem, por Cláudia Lemos e na análise do discurso, por Eni Orlandi.

mostra é que o sujeito não pode controlar o funcionamento da linguagem, que ele “não é senhor da significação” (M.T. Lemos, 1990). Seu dizer fala dele e, no limite, de todos os falantes. Esses são deslocamentos teóricos presentes em todos os trabalhos do livro.

Abordando uma questão mais particular, mas não sem relevância, Márcia Corrêa trata do atendimento fonoaudiológico em grupo. Na sua experiência, a demanda por essa modalidade de clínica é externa. Quer dizer, ela nasce da necessidade de que se diminua a “fila de espera” na rede de saúde pública. No artigo, ela faz ver que não há, de fato, atendimento “em grupo” e sim atendimentos individuais ocorrendo simultaneamente. A autora questiona a viabilidade dessa modalidade de trabalho, presente em outras áreas, como nas clínicas psicológica, psicopedagógica, na de psicomotricidade. Isso porque uma discussão do que venha a ser “um grupo” não tem sido realizada. Refletir sobre o estatuto teórico desse atendimento é, diz ela, algo a ser feito. Agrupam-se pessoas por patologias? Por faixa etária? Por ordem de chegada? Cada um desses critérios tem consequências clínicas: não há neutralidade aí.

O artigo de Erika Pisaneschi traz à tona um problema decorrente da aproximação da Fonoaudiologia com o Interacionismo: interação foi identificada a “brincadeira”. A vagueza desse conceito, nunca explicitado, leva ao entendimento de senso comum, de que “brincando, a criança aprende”. A autora esclarece que isso nada tem a ver com uma clínica fonoaudiológica em diálogo com o rigor dos pressupostos interacionistas.

Nos artigos que focalizam a afasiologia, somos confrontados com uma situação exemplar da submissão da fonoaudiologia à área médica. Rosana Landi e Suzana Fonseca, partindo dos trabalhos de Jakobson, argumentam sobre a possibilidade e necessidade de se assumir as questões da afasia como *problema lingüístico*, mesmo diante da presença de lesão no cérebro. A relação a ser mantida entre o cérebro e a linguagem deve ser de implicação entre funcionamentos e não de causalidade direta lesão/sintoma. Nesse segundo caso, o *funcionamento cerebral* está contemplado, mas não o lingüístico.

Lourdes Andrade problematiza: 1) a incorporação ingênua que se faz de uma teleologia assumida como advinda das propostas de aquisição de linguagem oral para dar conta da aquisição da língua de sinais. “Ingênua” porque trata a

área da Aquisição da Linguagem oral como homogênea, como se ali não houvesse polêmica e 2) o apagamento da especificidade e do mistério da aquisição da língua de sinais. Importante, também, é o que ela diz sobre a relação privação orgânica/linguagem. Para a autora, a criança surda “não escapa aos efeitos da linguagem” (p. 133), da interpretação do outro-ouvinte.

Cecília Santana propõe um deslocamento da discussão relacionada a “métodos clínicos” que, a seu ver, desvia o olhar de questões teóricas, tal como a da especificidade do processo de captura da criança surda pelo simbólico. Sobre isso, ela e Andrade insistem. Em foco está o estatuto do gesto, significativo que, por isso mesmo, é opaco e não transparente, como se supõe nos “métodos clínicos” relativos à surdez.

O fechamento do livro é feito por um estudo de caso belíssimo, de Lier-De Vitto. A autora toca a relação entre linguagem e psiquismo. É sobre a noção de linguagem como força fundante e como condição para a significação e para o nascimento do sujeito, que ela irá analisar as produções de uma criança com diagnóstico de psicose infantil. O artigo traz à luz o fato de que a lingüística tradicional, normativa e descritiva nada teria a dizer sobre os dados em questão. Ela só pode lidar com a superfície gramatical. Significação e sujeito ficam de fora. Ao contrário, a análise empreendida por Lier-De Vitto é iluminadora da situação paralisante em que a criança se encontra e abre possibilidades para se pensar o trabalho subsequente. Sem dúvida alguma, isso é essencial para a Fonoaudiologia.

O rigor teórico dos trabalhos apresentados neste livro é inquestionável e, sem dúvida alguma, sua leitura suscita a necessária continuidade do aprofundamento das questões apontadas. Esse enfrentamento é essencial à elaboração de uma teoria sobre a clínica fonoaudiológica. Mesmo assim, não é possível deixar de assinalar alguns deslizes no interior do livro. A presença dos mesmos denuncia momentos de oscilação implicados em todo discurso inovador. Os autores, que corajosamente enfrentam tal desafio, sabem que estão expostos a essas ocorrências². Quero sublinhar a presença das noções de “apropriação” da linguagem e

2. Quando da re-leitura de grandes autores, como Freud e Jakobson, por exemplo, notam-se oscilações.

de “apreensão do objeto lingüístico” em diversos artigos. Tais noções pressupõem a presença de um sujeito psicológico que contempla, observa e analisa “objetos” a serem por ele apropriados ao longo do seu desenvolvimento. Capacidades perceptuais vêm à tona e, também, a noção de teleologia, já que ela supõe uma seqüência de “apropriações” que fazem vislumbrar um estado final. Esta noção se opõe radicalmente à noção de funcionamento, de captura, de assujeitamento, de sujeito cindido. Noções que são fortemente assumidas no decorrer de todo o livro. Também a oposição “ator/autor” referente à criança, que comparece no texto de Arantes (p. 34) foi introduzida e abandonada por Lemos, já que ela faz retornar a idéia de controle sobre a linguagem. Entretanto, vê-se claramente que não é esta a direção que Arantes toma pois, no mesmo parágrafo, ela diz: “o que *impede* esse desdobramento (a conversão do discurso do outro na ilusão do discurso próprio) é uma questão para a clínica”.

Penso, também, que no artigo de Santana, quando a autora faz referência a uma visão “discursivo-social”, a noção de “social” soa fora de tempo e entra em choque com o conjunto do seu trabalho. A rigor, o artigo põe ênfase e acento no pólo “lingüístico-discursivo” do interacionismo, com C. Lemos (1992).

Para concluir, gostaria de reafirmar que o interesse da fonoaudiologia pelo interacionismo, marca diferenciadora deste livro na literatura da área, tem forte razão de ser. Não só pelo que já foi exposto, mas também (ou principalmente) porque o interacionismo, a que se filiam as pesquisadoras deste livro, é proposta que incorpora os “erros” das produções lingüísticas das crianças como parte integrante de seu objeto. “Erro” que é entendido como *diferença* e não como *déficit* (ver C. Lemos, 1983). Mais que isso, “os erros não estão nem além e nem aquém do funcionamento da linguagem” como diz Lier-De Vitto (p. 16). E “erro” é o que não falta no material lingüístico que se apresenta para o fonoaudiólogo em sua clínica.

Vê-se aí a razão mais forte da presença do interacionismo na fonoaudiologia.

Referências bibliográficas

- BORGES NETO, J.(1983). *O debate Chomsky – Piaget e a questão do debate científico*. (mimeo) pp. 1-16.
- _____ (1988). *A incomensurabilidade e a compatibilização das teorias*. (mimeo) pp. 1-17.
- LAKATOS, I. e MUSGRAVE, A. (1975). *La critica y el desarrollo del conocimiento*. Madrid, Grijalbo.
- LE MOS, C. T. G. (1982). Aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Abralin*, vol. 3, pp. 97-126.
- _____ (1983). Teorias da diferença e teorias do déficit: reflexões sobre programas de intervenção na pré-escola e na alfabetização. *Anais do Seminário Multidisciplinar de Alfabetização*, Brasília, INEP, pp. 133-145.
- _____ (1992). Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum I*, pp. 121-135, Barcelona.
- LIERDE-VITTO, M. F. (1992). Palestra de Abertura do I Simpósio de Comunicação – DERDIC – PUC-SP.
- MAIA, E. A. M. (1984). *Por uma psicolingüística não reducionista*. IEL/Unicamp, mimeo.